diz que *sim*, isto não é consentimento.
se ameaça seu bem-estar – não é consentimento.
se manipula, de qualquer maneira – psicológica, verbal ou física – isso não é consentimento.

.no presente: o que disse ontem não importa no presente. se o consentimento não diz respeito a um ato sexual que esteja passando no presente, não vale de nada. o consentimento é agora...

.uma relação anterior?: teve sexo com ela ontem? não importa. está excitadax e afim agora? não importa. foi tua companheira por muitos anos? não importa. se queria ontem mas não agora, é teu direito, tua decisão e teu corpo. E estes devem ser respeitados.

CONSENTIMENTO NA PRÁTICA

O consentimento não é a ausência de 'não'.
O consentimento não é silencioso nem indiferente. O consentimento é ativo, é claro, e por nenhum motivo há dúvida.

A única maneira de assegurar que sua companheira quer compartilhar qualquer ato sexual é pedí-lo a cada vez.

Os defensores da cultura de estupro as vezes dizem "É incômodo perguntar antes – isso faz com que o sexo seja menos espontâneo e menos interessante". Mas isso não é lógica, é uma justificativa para estuprar.

A maneira mais fácil para assegurar se alguém quer ter sexo (ou sexo oral, ou penetrar com os dedos, com a mão ou qualquer outra coisa) é perguntar.

(na verdade o ideal é antes da relação sexual conversar sobre o que a pessoa prefere ou melhor, o que ela não pode e não quer fazer, lembrando que sobreviventes de abuso e estupro podem ter limitações com várias práticas, que muitas lésbicas desgostam penetração, etc).

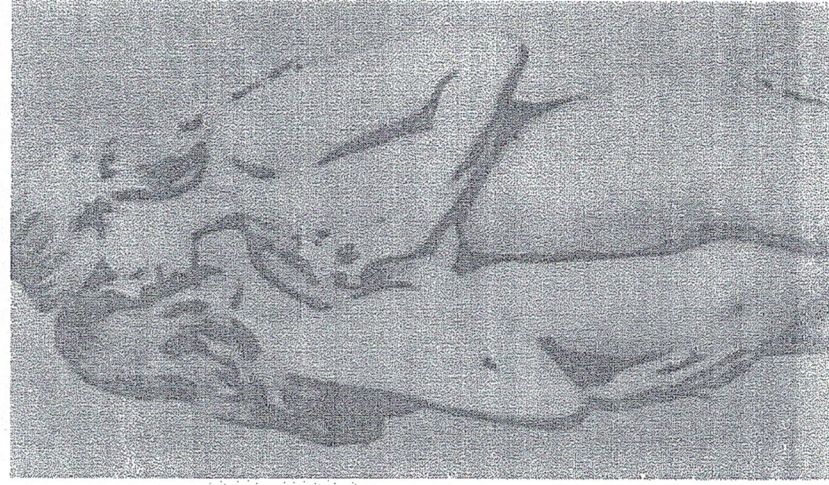
O mais simples segue sendo o mais efetivo: Perguntar. Conversar. Falar.

"Você quer _________ ?" (preencher com: *ter sexo comigo, fazer x coisa, que te toque assim/aqui*).
"Você gosta _________" (*assim, disso, daquilo*)
"Está bom assim?' (*assim, disso, daquilo*)

ou que no próprio hospital podem tomar provas ou que a médica de turno faça um relatório e um exame, para comprovar o estupro. Sim, para as leis não basta a palavra da sobrevivente).
Outra opção em certas circunstâncias é ter reunião com um mediador (uma pessoa sem vínculo emocional com a situação). O que se vem fazendo é coletivizar o que passou. É importante responder coletivamente aos casos de agressão e coletivamente prestar apoio a sobrevivente, escutá-la no que necessita e garantir sua segurança.
Se não se confronta a pessoa que te abusou é provável que o mesmo pode passar a outra pessoa.

Não mantenhas silêncio!

***

Porém, neste zine não queremos somente abordar os casos mais extremos de violação de limites, senão que os mais micro e pouco visibilizados.

Penso que as relações lésbicas merecem o espaç de reflexão sobre agressões e consenso sexual. Acho que atuar dentro duma lógica de estigmatização e monstrificação de agressoraxs só pode servir muitas vezes para pensarmos que o problema está longe da gente ou que não somos par te dele. Creio que o tema é pouco debatido e que crescemos numa cultura violenta heteropatriarcal e misógina, sendo difícil estabelecer e mesmo ter referência muitas vezes, do que são relações saudáveis e livres. Podemos haver sofrido uma história de abuso, violência sexual e violências. Podemos ter aprendido formas de comunicação violentas. Mas isso não desfaz o nosso papel de tomar responsabilidade nas nossas vidas e interações com as demais. Tampouco repara ou desculpa o dano que possamos haver promovido a outras. Só poderemos mudar isso se tomarmos papel ativo em refletir nossas interações criticamente. Se tomarmos responsabilidade em curarnos das violências e histórias que nos impedem amar com respeito e amor-próprio. Acredito em estabelecer espaços para lésbicas tomarem consciência da questão da violência sexual, visibiliza a violência nas nossas interações, aprender a ser consensuais e modificar comportamentos. Visi-